



TARÔS E JOGOS DE DIVINAÇÃO: UMA HISTÓRIA AINDA A SER DESVENDADA NAS CARTAS DE BARALHOS

TAROT AND DIVINATION GAMES: A HISTORY YET TO BE UNRAVELED IN THE CARDS

Inês Barreto*

Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP

 <https://orcid.org/0000-0002-7927-4666>

intx.barreto@gmail.com

Muito já se escreveu sobre o tarô, suas origens e interpretações, mas há pouca historiografia sobre o tema publicada no Brasil. Pesquisadores que exploram as práticas de cartomancia, do trabalho de cartomantes ou de especialistas religiosos que utilizam tarôs e baralhos como métodos oraculares possuem pouca bibliografia sobre a qual se basear, ficando muitas vezes reféns de obras com viés esotérico, sem rigor historiográfico. Essa lacuna é suprida, ainda que parcialmente, pelo bom trabalho da historiadora francesa Isabelle Nadolny na obra *História do Tarô: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo* (Editora Pensamento, 2022).

A proposta é buscar nas fontes históricas sobre o tarô e outras práticas oraculares, analisando a concepção desses jogos, seus métodos de leitura. Acima de tudo, busca entender os diálogos transversais que o tarô estabeleceu ao longo dos séculos em cada temporalidade. Nadolny é taróloga, mas também é historiadora de formação, tendo se especializado na pesquisa de livros antigos e trabalhado na Biblioteca Nacional da França - acervo, inclusive, de onde veio a maior parte das suas fontes. Assim, conhece seu objeto de estudo a partir de dois pontos de vista, mas tomou a acertada decisão de seguir pelo caminho da historiografia.

* Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Integra o grupo de pesquisa Pensamento Brasileiro (PUC-SP) e é bolsista CPNq.

Vale aqui uma breve explicação sobre o que é o tarô: um baralho composto por 78 cartas ilustradas, dividido em duas partes, sendo: 22 arcanos maiores ou trunfos, que representam figuras arquetípicas, como “O Louco”, “A Imperatriz” e “O Papa”, por exemplo; e 56 cartas comuns do baralho de jogo tradicional, também chamados de arcanos menores, composto de quatro naipes, com 10 cartas numéricas e 4 figuras de corte em cada naipe. Normalmente são apresentados como ouros (também chamados de moedas ou denários), espadas, copas e paus (ou bastões). Outros jogos de cartas também apresentam trunfos, mas não seguem a mesma ordem e, por vezes, não possuem as figuras de corte. Esses baralhos são classificados de outras maneiras, como oráculos de cartomancia ou *tarocchinos*, por exemplo.

O nome tarô seria um neologismo, derivado do italiano vulgar como uma corruptela de *tarocchi*, que por sua vez já é uma adaptação de *trionfi*, nome primordial do jogo. A mais antiga menção a esses conjuntos de cartas é de um documento produzido em Avignon, em 1505, quando a cidade ainda não fazia parte do território francês. Já na França, o primeiro a citar o jogo é François Rabelais, em 1534, no capítulo XII de *Gargantua e Pantagruel*.

Uma das problemáticas centrais do livro é como o tarô chega e se consolida a essa configuração atual. Nadolny busca uma resposta a partir da pesquisa historiográfica pautada em obras de referência sobre a história das cartas e em produções filosóficas, artísticas e esotéricas sobre o tema. Mas, principalmente, recorre à análise iconográfica e material dos baralhos, com uma série de comparações entre diferentes jogos. Seu trabalho na Biblioteca Nacional da França foi essencial para que a autora pudesse desenvolver a pesquisa ao ter acesso à coleção de cartas e a conhecer em profundidade. A partir dessas fontes, a historiadora posiciona sua pesquisa na história dos impressos, indo além dos livros, folhetos e da literatura de *colportage*, suportes mais tradicionalmente abordados pela historiografia dos impressos na França.

Para elaborar a análise, a obra é dividida em quatro capítulos. No primeiro, traz a história dos jogos de cartas e de tabuleiros desde a antiguidade grega e romana, como dados e jogos de ossos, até tabuleiros árabes e egípcios. Também dá conta de trabalhar brevemente a relação dos europeus com as previsões do futuro, indo da Antiguidade até as proibições medievais por parte da Igreja Católica. Durante a Idade Média, entendia-se que o futuro pertencia à providência divina e tentar descobrir os acontecimentos futuros seria uma forma de magia diabólica. A partir dessa introdução, passa a tratar do tarô e

dos jogos de baralho, tanto na sua concepção como formas de entretenimento quanto no uso oracular.

Assim, rastreia os baralhos, defendendo que os jogos de cartas são criações europeias. Para isso, parte da datação de algumas evidências de circulação encontradas na China, por volta de 1400, e compara com os vestígios de circulação em Borgonha, Flandres e Alemanha anteriores a esse período. Porém, pela fragilidade dos materiais, as cartas não sobreviveram, chegando à atualidade apenas registros secundários, o que faz a autora levantar interessantes pontos sobre a materialidade dos baralhos e as limitações ao estudo dessas fontes diante da sua ausência, mostrando a necessidade que o historiador encontra, por vezes, de seguir rastros presentes em outras fontes.

Outra forte evidência de que os baralhos são originários da Europa está em sua relação com a sociedade de corte da Idade Média. Além dos chamados Arcanos Maiores, representações de figuras comuns nessa sociedade, ela ainda traz algumas possibilidades sobre as origens dos quatro naipes. Primeiro, há uma tendência europeia de organizar o mundo em quatro elementos, partindo da divisão de fogo, água, terra e ar. Mas há ainda algumas outras hipóteses: poderiam estar relacionados à heráldica de grandes casas nobres, ou representar as classes sociais da Europa medieval (clero, burguesia, nobreza e camponeses). Mas aqui fica-se no campo das conjecturas, pois não há fontes historiográficas que fortaleçam essas hipóteses.

No segundo capítulo, passa a tratar especificamente do tarô. Para isso, volta-se aos mais antigos fragmentos de tarôs conservados desde o século XV, que são três conjuntos criados para a família nobre italiana dos Visconti-Sforza, que sobreviveram pois foram confeccionados em madeira. Eles são criados em um período de intensos conflitos na Itália, entre as famílias Visconti-Sforza, Médici e Aragão, e da cisão do papado entre Roma e Avignon (1378-1417). Além de ilustrarem prováveis relações e situações relacionadas à família, trazem figuras comuns ao imaginário e ao cotidiano da época, e espelham também as mudanças do Renascimento italiano. Não é possível determinar o primeiro autor deste tarô, mas pelo contexto, Nadolny propõe que seria um homem instruído e próximo de uma corte principesca, apontando pintores e preceptores que trabalharam para os Visconti-Sforza. Outros baralhos criados no século XV também são utilizados como fontes, mas todos estão incompletos, alguns com uma única carta preservada. A partir desses fragmentos e de registros escritos da época, sustenta que, a princípio, os trunfos mudavam, mas depois ficam estabelecidos às 22 figuras utilizadas até hoje.

A partir dessas fontes, também sugere algumas hipóteses sobre as interpretações da simbologia. A primeira é que o tarô seria um jogo educativo da moral e das virtudes esperadas dos jovens nobres. Para essa afirmação, é descrita uma analogia ao Tarô de Mantegna, também chamado de Jogo dos Governos do Mundo, que acredita-se ser um sistema para pessoas instruídas aprofundarem suas reflexões filosóficas. O jogo ilustra as classes dos homens, as artes liberais, princípios e virtudes, planetas, artes e ciências da época. Seu sistema é uma amálgama de várias influências do Renascimento italiano, dos autores da antiguidade às virtudes religiosas, e por isso parece ser um jogo para formar os filhos da nobreza. Além disso, traria um caminho de virtudes que permitiria ascender espiritualmente a Deus. Em síntese, o jogo mostra “um mundo hierarquizado e harmonioso que conduz a Deus” (NADOLNY, p. 86, 2022). Além do Tarô de Mantegna, essa possibilidade é sustentada a partir de uma série de discursos comuns na Itália da década de 1560, que defendem um ordenamento dos trunfos para que eles representassem a busca à divindade. Outra hipótese é de que o tarô seria uma representação que interpretava visualmente os trunfos carnavalescos italianos do século XV, trazendo cenas mitológicas e alegorias que estão ainda hoje representadas em cartas como “A Morte”, por exemplo.

No terceiro capítulo, a autora se volta ao Tarô de Marselha, o mais famoso conjunto de cartas francesas. Até o século XVIII, o tarô foi popular na Itália e na Espanha, mas pouco utilizado na França. É neste período que surge o chamado Tarô de Marselha.

Antes de entrar na história do Tarô de Marselha propriamente dito, Nadolny traz uma breve explicação sobre os fluxos comerciais que influenciaram sua criação. Provavelmente, o tarô chega à França por Lyon, cidade que foi um importante centro comercial, grande produtora de cartas e ponto de ligação entre a Itália e as demais cidades francesas. Em Lyon deve ter sido feita a adaptação das cartas, depois impressas em Paris ou Rouen, onde estavam as principais oficinas de impressão. O auge do tarô na França no século XVIII foi o momento que popularizou também os jogos franceses para outras regiões da Europa.

Neste momento da obra, busca trabalhar o contexto do seu surgimento, abordando também a vida e o cotidiano de trabalho dos fabricantes de cartas, colocando as dificuldades da profissão e a criação de diferentes corporações de ofício ligadas à impressão. Para ela, a influência dos fabricantes mais fortes e seu papel na disseminação das cartas foi essencial para que esse conjunto de cartas prevalecesse com relação a outros

formatos e desenhos que também foram produzidos na França no mesmo período. Mas esses primeiros baralhos ainda não possuíam um nome comum. A denominação “tarô de Marselha” aparece pela primeira vez apenas em 1856, em um artigo de Romain Merlin, estudioso da história das cartas. Em 1889, o famoso ocultista Papus se referiu também ao tarô de Marselha na obra *Tarô dos Boêmios*. A partir deles e com outros ocultistas na sua esteira, passa a ser entendido como uma arte divinatória e surge uma nova demanda de mercado para esse material. Até que, em 1930, o editor Paul Marteau, diretor da casa editorial Grimaud, produz o tarô de Marselha em série, para suprir essa demanda do público.

Essa trajetória é um gancho para que a autora possa desenhar a investigação do capítulo quatro, onde tenta entender como o tarô se tornou tão popular entre ocultistas. Nesta etapa, ela retorna a história da adivinhação e às práticas da Idade Média, como a fisionomia, a adivinhação por dados, a oniromancia (adivinhação por sonhos), entre outras. Também traz a relação entre astrologia e tarô. A partir dessa recapitulação, traz aspectos de outras práticas de cartomancia, com baralhos diferentes, abordando as contribuições de autores como Jean-Baptiste Aliete, cartomante criador do baralho *Eteilla*; do filósofo Antoine Court de Gébelin, autor de *O Mundo Selvagem*, primeiro a associar o tarô a uma herança dos hieróglifos egípcios, discurso que seria muito popular entre os ocultistas do século XIX. Também traz uma famosa figura da cartomancia francesa, Marie-Anne de Lenormand, conhecida como a cartomante da imperatriz Josefina, esposa de Napoleão Bonaparte. Ela se tornaria inclusive conhecida no Brasil, onde um baralho publicado em fins do XIX com o título *A Pitonisa de Paris* fez referência aos seus dotes oraculares (MAIA, p. 29, 2023).

Voltando ao trabalho de Gebelin, ele foi profundamente influente nas interpretações posteriores do tarô como método divinatório, em especial nas obras dos ocultistas Eliphas Lévi e Papus. A partir de Lévi, o tarô será associado à Cabala e com as letras do alfabeto judaico. Com Papus, ficará mais forte a associação com os povos ciganos, com o Egito e com outras disciplinas do ocultismo, como a alquimia. São esses dois autores que tornaram o tarot definitivamente ocultista, segundo a conclusão de Nadolny.

Ela ainda faz um excerto sobre a tradição anglo-saxã, bastante diferente da francesa. O grande disseminador do tarô nos países de língua inglesa foi o baralho desenhado por Barbara Smith e sistematizado por Edward Waite, baseado na cosmogonia e na ritualística da Ordem da Aurora Dourada, uma ordem esotérica que

surgiu na Inglaterra no século XIX. Apesar de pouco conhecido na França, foi muito usado nos Estados Unidos e é também bastante popular no Brasil.

Ainda neste capítulo, a autora aborda tempos bem recentes, ao explicar como o tarô ganha contornos Junguianos na década de 1980, para pensar nas análises de arquétipos e inconsciente coletivo. Passa, então, a ser entendido também como um instrumento de autoconhecimento, para além dos procedimentos oraculares. Ela atribui todas essas novas características aos chamados movimentos religiosos da Nova Era, que surgem a partir da década de 1970.

Para encerrar a obra, no quinto e último capítulo, a autora analisa as iconografias dos trunfos, com uma breve pesquisa pictográfica, pensando quais arquétipos ou figuras do imaginário europeu e medieval cada um dos arcanos se remete. Também compila as principais interpretações divinatórias de Gebelin, Etteilla, Levi, Papus e Oswald Wirth, autores que trabalhou no decorrer da pesquisa, sistematizando as diferentes interpretações, do século XVIII até o XX.

Esse resumo final faz pensar ainda em algo que é destacado em diversos momentos do texto: como as interpretações do tarô estão submetidas aos tempos históricos nos quais jogadores, produtores, oraculistas e consulentes estão inseridos. O significado original dos trunfos no século XV passam por muitas modificações, frutos do contexto daqueles que manusearam as cartas de muitas maneiras. Além disso, traz uma reflexão sobre o baralho como objeto em si, o que constitui ponto metodológico importante na análise de fontes impressas e crucial para a pesquisa. Nadolny mostra uma grande sensibilidade no trato metodológico ao pensar os tempos históricos, além de seu comprometimento com as fontes, sem se deixar conquistar por suposições de origens míticas perdidas, bastante populares em outras literaturas sobre o tema.

Em um assunto no qual as versões ocultistas prevalecem, dando muita ênfase a significados herméticos e pouco espaço para a documentação histórica, o trabalho de Nadolny se sobressai. É muito comum que, nessa bibliografia, se pense no tarô como um repositório de conhecimento ancestral da antiguidade, e sem considerar a historicidade de suas mudanças e reformulações, como é muito bem pontuado pela historiadora. Isso faz com que *História do Tarô* seja uma excelente referência para pesquisadores de práticas como a cartomancia no Brasil, além de trazer aportes metodológicos interessantes para pesquisas com impressos não convencionais, para além de livros, jornais e folhetos.

A obra também é ricamente ilustrada e muito bem referenciada, trazendo reproduções de todos os baralhos citados, exemplos de métodos de leituras, tabelas e indexação de todas as fontes. A autora também recomenda o acesso online à coleção de livros e baralhos da Biblioteca Nacional da França, que está quase toda digitalizada. Assim, *História do Tarô* é um título valioso na bibliografia sobre cartomancia, tão escassa no Brasil. São raríssimos os trabalhos que abordam a problemática histórica dos oráculos da leitura das cartas e da cartomancia como uma profissão, das cartomantes e dos produtores de cartas. Isabelle Nadolny começa a traçar com muito sucesso esse trajeto e pode servir de inspiração metodológica a pesquisadores brasileiros.

REFERÊNCIAS

MAIA, Kathleen de Oliveira. **A Sacerdotisa, O Mundo e A Roda Da Fortuna: Uma análise sobre mulheres e cartomancia no Rio de Janeiro (1860-1890)**. 2023. 125 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

NADOLNY, Isabelle. **História do Tarô: um estudo completo sobre suas origens, iconografia e simbolismo**. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2022.

NADOLNY, Isabelle. Moin Histoire. [s. d.]. Isabelle Nadolny. Disponível em: <https://www.isabelle-nadolny.com/mon-histoire>. Acesso em: 5 ago. 2024.



www.revistafenix.pro.br

Recebido em: 10/09/2024
Parecer dado em: 27/11/2024